

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

***BULLYING* TRANSFÓBICO: EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO E
VIOLÊNCIA DE PESSOAS TRANS EM CONTEXTO ESCOLAR**

António Carlos do Rego Gomes
Dezembro 2014

Dissertação apresentada no
mestrado integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de
ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada
pela Professora Doutora **Conceição
Nogueira**
(F.P.C.E.U.P.)

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

***BULLYING* TRANSFÓBICO: EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO E
VIOLÊNCIA DE PESSOAS TRANS EM CONTEXTO ESCOLAR**

António Carlos do Rego Gomes
Dezembro 2014

António Carlos do Rego Gomes
Presidente: Doutora Cidália Duarte
Arguente: Doutora Sara Magalhães (Investigadora)
Orientadora: Doutora Conceição Nogueira
Classificação: 15 valores

Dissertação apresentada no
mestrado integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de
ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada
pela Professora Doutora **Conceição
Nogueira**
(F.P.C.E.U.P.)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete a perspectiva, o trabalho desenvolvido, bem como as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação de mestrado pode conter incorreções, ao nível metodológico e/ou conceptual, que poderão ter sido identificadas posteriormente à sua entrega. Em resultado disso, é aconselhado a que qualquer utilização do conteúdo da mesma seja feita com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Doutora Emília Costa, por tudo que fez por mim durante estes dois últimos anos, tendo sido extremamente compreensiva comigo e uma ajuda importante a eu ter chegado onde cheguei.

Ao Doutor Nuno Carneiro, pelo contributo que deu ao meu estudo, pela paciência, pelo feedback que me deu em vários momentos.

Aos meus pais e irmão, que foram incansáveis comigo, sempre a incentivar. Mostraram-me que nenhum desafio é grande demais e tudo pode ser superado com sacrifício e amor.

Um especial agradecimento à minha orientadora, a professora doutora Conceição Nogueira. Foi durante estes dois últimos anos muito mais que uma orientadora.

À Liliana Rodrigues, pela enorme paciência para comigo e contributo nestes últimos tempos.

Às Associações “ILGA Portugal”, “A Casa” e “Rede Ex Aequo” por terem disponibilizado os vários meios de que dispunham. O meu muito obrigado.

Tenho ainda um especial agradecimento às participantes do meu estudo, que deram um contributo vital e sem as quais concluir este estudo não seria possível.

Não posso deixar de tecer um particular agradecimento às doutoras Maria João Cardoso e Ana Rodrigues, da ADEIMA, pela compreensão e apoio durante o meu período de estágio curricular.

A amigos e colegas, como a Armanda Dias, Priscila Almeida, Priscila Rodrigues, Carina Santos, Juliana Silva, Catarina Moreira, Belinda Costa, Helder Leite e Cátia Bastos pela enorme paciência em me ouvir quando a pressão me afectava mais e terem estado a meu lado durante esta viagem.

E por fim a dois amigos da família, a Anabela e Henrique Ferreira, que estiveram sempre a dar apoio e nos momentos em que os desafios pareciam ser impossíveis de superar estiveram lá e contribuíram para que fossem superados.

Resumo

O *bullying* transfóbico tem sido alvo de cada vez mais estudos e inquéritos, tornando-se um fenómeno cada vez mais investigado. Contudo, de acordo com a revisão da literatura levada a cabo, ficou claro que o contexto português carece de estudos nessa temática, tendo a maioria dos estudos encontrados ocorrido em países como os estados unidos e brasil.

Assim, a presente investigação sobre *bullying* vivenciado por pessoas trans procura dar voz a esta população, caracterizando este fenómeno que afecta vários estudantes e salientando as várias formas que toma e eventual suporte de família, amigos ou profissionais do ensino às pessoas alvo deste tipo de experiências.

A metodologia utilizada foi qualitativa com recurso a entrevistas semiestruturadas. Foram realizados vários contactos, por via de presença em eventos, de divulgação do estudo em vários espaços na internet, através de divulgação junto de associações e contactos telefónicos, dos quais resultaram duas entrevistas, ambas com mulheres transsexuais (MtF).

Os resultados obtidos revelam que as participantes foram alvo de *bullying* tanto físico como psicológico, tendo experienciado sentimentos de confusão e inclusive tido ideação suicida. Encontramos relatos intensos de várias situações que ocorreram em diversos espaços. Os depoimentos permitiram concluir que existem espaços “prediletos” dos *bullies* (provocadores), tais como o contexto de balneário de EF (educação física), em que as pessoas estão mais vulneráveis, bem como as traseiras de pavilhões e espaços de menor vigilância e visibilidade. No entanto, tais episódios podem ocorrer, como foi o caso das participantes do presente estudo, em outros espaços, tais como: recreios, e até mesmo no interior das salas de aula e no seu trajecto escola – casa.

Este estudo parece-nos ser um contributo importante para colmatar a escassa investigação nesta temática e permite uma melhor compreensão do *bullying* que esta população enfrenta bem como da necessidade de maior informação e preparação do corpo docente e restantes profissionais dos espaços escolares para detetarem este tipo de situações bem como dotá-los de estratégias para prevenir ou actuar quando são detetados casos.

Palavras-chave: Transsexualidade; *Bullying* Transfóbico; LGBT; Questões de género;

Abstract

Transphobic *Bullying* has been subject of several studies and inquiries, becoming a phenomenon more and more researched. However, in accordance with the revision of literature that was made, it became clear that in the Portuguese context there is a lack of studies in this subject, having the majority of those that were found from countries like the United States of America and Brazil.

Thus, the present investigation on *bullying* experienced deeply by people trans looks for to give voice to this population, characterizing this phenomenon that affects several students and pointing out some of the forms it takes and addresses topics such as the possible support of family, friends or professionals of education to the people that are target of this type of experiences.

The used methodology was qualitative with resource the semistructured interviews. Some contacts were accomplished, for way of presence in events, spreading the study in some spaces such as the internet, through spreading next to associations and projects, of which two interview had resulted, both with transsexual women (MtF)

The obtained results disclose that the participants were target of *bullying*, both physical and psychological, having experienced feelings of confusion and also had suicidal thoughts. We found intense stories of some situations that had occurred in several spaces. The depositions had allowed to conclude that there are “favorite” spaces in which *bullies* are more likely to act, such as the context of PE locker-rooms (physical education), where the students are more vulnerable, as well as the backs of school buildings and spaces with less surveillance and visibility. However, such episodes can occur, as it was the case of the participants of the present study, in other spaces, such as: playgrounds, and even inside of the classrooms and on the way back home from school.

With this study we hope to be an important contribution on this subject and allow a better understanding of *bullying* that this part of the population faces as well as the necessity for more information of the teachers and other professionals in schools in order to being able to detect situations of *bullying* and act in order to prevent them.

Keywords: Transsexuality; Transphobic *Bullying*; LGBT; gender questions;

Resumé

La *bullying* transfóbique a été l'objet de plus en plus d'études et d'enquêtes, en se devenant un phénomène de plus en plus enquêté. Néanmoins, conformément à la révision de la littérature prise en oeuvre, il est resté clair que le contexte portugais manque d'études dans cette thématique, en ayant à la majorité des études trouvées présence dans des pays comme les États-Unis et Brésil.

Ainsi, présente recherche sur *bullying* vécue intensément par des personnes trans cherche à donner voix à cette population, en caractérisant ce phénomène qui affecte plusieurs étudiants et en faisant ressortir les plusieurs formes qui prennent et l'éventuel support de famille, amis ou professionnels de l'enseignement aux personnes cible de ce type d'expériences.

La méthodologie utilisée a été qualitative avec ressource à des entrevues demi-structurées. Ont été réalisés plusieurs contacts, par manière de présence dans des événements, de divulgation de l'étude dans plusieurs espaces dans l'internet, à travers divulgation près d'associations et de contacts téléphoniques, desquels ont résulté deux entrevues, toutes les deux avec des femmes transsexuelles (MtF).

Les résultats obtenus révèlent que les participants ont été l'objet *bullying* tant physique comme psychologique, en ayant expérience sentiments de confusion et de même eue idées suicidaire. Nous trouvons des histoires intenses de plusieurs situations qui se sont produites dans de divers espaces. Les dépôts ont permis de conclure qu'il existe des espaces « favoris » de *bullies* (provocateurs), tels comme le contexte de station balnéaire de EF (éducation physique), où les personnes sont plus vulnérables, ainsi que les dos de pavillons et espaces de moindre surveillance et visibilité. Néanmoins, tels épisodes peuvent se produire, comme ce a été le cas des participants de présente étude, dans d'autres espaces, tels comme : récréations, et même si à l'intérieur des salles de leçon et dans son passage école – maison.

Cette étude il nous semble être une contribution importante pour colmater l'insuffisante recherche dans cette thématique et permet une meilleure compréhension *bullying* que cette population affronte ainsi que de la nécessité de plus grande information et à de préparation du corps enseignant et restants professionnels des espaces scolaires pour détecter ce type de situations ainsi que les doter de stratégies pour empêcher ou agir elles quand sont des cas détectés.

Mots-clés: Transsexualité; *Bullying* transfóbique; LGBT; Questions de type;

Índice

Introdução	1
1. Revisão de literatura	3
1.1. <i>Bullying</i> : o que é?	3
1.2. <i>Bullying</i> homofóbico	7
1.3. <i>Bullying</i> Transfóbico	11
2. Metodologia	16
2.1. Objeto e Objetivos	16
2.2. Método	16
2.2.1. Participantes	16
2.2.2. Instrumento: A entrevista	17
2.2.3. Procedimento	18
2.2.4. Análise de dados	20
3. Apresentação e discussão dos resultados	22
3.1. Suporte Social no Processo de Transição	22
3.2. <i>Bullying</i> Transfóbico – Relatos	23
3.3. <i>Bully</i> ou <i>Bullies</i> ? Os vários papéis encontrados nas vivências partilhadas	26
3.4. Procura de apoio institucional e/ou junto de pares	27
3.5. Pensamentos e Sentimentos	29
4. Considerações finais	32
Referências Bibliográficas	35
Anexos	38

Índice de anexos

Anexo I – Guião de entrevista semi-estruturada

Anexo II – Ficha de dados Biográficos

Anexo III – Consentimento informado

Lista de siglas e abreviaturas

P – Participante

MtF – Transsexual Masculino para Feminino (Male to Female)

Trans – Termo “guarda-chuva” que engloba pessoas transsexuais, transgênero, travestis, transformistas e interssexo

Introdução

O presente estudo surge com vista a dar resposta a uma temática da qual a literatura no contexto português carece. Após um levantamento inicial relacionando as temáticas do “bullying” e “questões de género” foi notório o desfazamento de estudos realizados com a temática do *bullying* mas que apenas consideravam populações LGB.

Posto isto, decidiu-se abraçar o desafio e procurar dar contributo científico, abordado a temática do *Bullying* Transfóbico.

No percurso para dar corpo a esta investigação encontramos que discriminação e atitudes negativas são temas comuns e com várias investigações na área da psicologia. O sexismo e homofobia em particular, têm recebido atenção considerável (Herek, 1988; Whitley, 2001).

O tema aqui a ser alvo de investigação é o “*bullying* transfóbico”, quais as dinâmicas que podem existir, recolhidas na 1ª pessoa, isto é, pela voz das participantes, que serão depois analisadas comparativamente com o que a literatura apresenta. Serão também abordados pensamentos e sentimentos das pessoas trans que são alvo deste tipo de comportamentos violentos bem como a actuação do sistema escolar perante tais episódios. A referir que o *Bullying* transfóbico é uma forma de *bullying* de difícil análise, por múltiplos factores. No período de realização de contactos, alguns recusaram-se a falar por não quererem recordar essa parte das suas vidas. Um outro factor e que é evidenciado pela literatura prende-se com o facto de haver indicadores deste tipo de comportamentos violentos para com pessoas transsexuais e que são frequentemente confundidos com homofobia e portanto em alguns estudos encontramos um número de casos reportados como sendo de *bullying* homofóbico superior ao seu número real.

O presente estudo terá uma estrutura que assenta em quatro partes principais. Começaremos pela revisão da literatura na qual exploramos, por um lado, os aspetos relacionados com o fenómeno do *bullying* no sentido mais geral do termo, e vamos progressivamente especificando algumas das suas dimensões, focando por último no *Bullying* Transfóbico e que é o tema central do presente estudo. De seguida, descrevemos a componente empírica do nosso estudo, indicando a metodologia utilizada, seguindo-se a apresentação e discussão dos dados obtidos. Terminaremos com

as considerações finais, que integram as principais conclusões, limitações encontradas e sugestões para investigações futuras.

1. Revisão da literatura

1.1. *Bullying* – O que é?

Olweus (1993) define *bullying* como um comportamento que ocorre repetidamente e ao longo do tempo, numa relação caracterizada por um desequilíbrio de poder e/ou força, na qual o indivíduo é exposto frequentemente a acções negativas por parte de uma ou mais pessoas. Olweus (1993) caracteriza como acções negativas as que se constituem como formas com intencionalidade em causar danos ou desconforto a outros e que remetem para um comportamento agressivo. O conceito de *bullying* (também referenciado como “provocação”), segundo Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009), surgiu “como resposta à necessidade de caracterizar um tipo particular de violencia ou de agressão na escola, que ocorre entre pares” (p.29).

Exemplos específicos de acções negativas incluem ser atingido/a, ameaçado/a, gozado/a e isolado/a (Smith & Sharp, 1994). Segundo Olweus (1993), podemos também encontrar acções negativas sem recurso a palavras ou contacto físico (sem os níveis físico e verbal), que têm lugar por meio de expressões faciais ou gestos, dirigidos com intencionalidade e como forma de recusa de satisfação dos desejos de alguém ou como forma de exclusão de alguém de um grupo – “*repeatedly and overtime*” (Olweus, 1993, p. 9).

O Autor (Olweus, 1993) apresentou uma distinção entre *bullying* “directo”, que envolve um ataque manifesto e direccionado a uma vítima e *bullying* “indirecto”, que não é direccionado a uma pessoa/grupo mas que conduz a isolamento social e exclusão do mesmo (e.g. excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, espalhar boatos sobre atributos e/ou condutas de uma pessoa com vista a destruir a sua reputação, entre outros).

Estes dois tipos de *bullying* (*bullying* “directo” e *bullying* “indirecto”) podem ocorrer no intervalo, na hora de almoço, antes ou depois da escola, tendo sempre uma ou mais vítimas e um/a ou mais agressores/as (*bullies*) (Green, 2008; cit. in António, 2011).

Quando o *bullying* é praticado por dois ou mais agressores sobre uma vítima, é por vezes designado por *mobbing*, algo como atacar em grupo (Middleton-Moz e Zawadski, 2007). O termo *mobbing* foi definido por Lorenz (1972) numa obra que

intitulou de “mobbing: violência de grupo entre crianças”. A ter em linha de conta que este conceito foi também apropriado para a violência em contexto de trabalho.

Comportamentos ofensivos, agressivos, com intuito de dominar e que são exercidos por um/a agressor/a (*bully*) sobre uma vítima são comportamentos e atitudes que encontramos em outros contextos, como o relacional, onde podemos encontrar algo semelhante a um *bullying* social e que se manifesta em comportamentos com o objectivo de danificar relações (como por exemplo: exclusão ou espalhar rumores; Crick & Bigbee, 1998; Crick & Grotpeter, 1996).

Esta distinção de dimensões de *bullying* em “directo” e “indirecto” tem sido alvo de discussão e dado origem a algumas questões. Há autores/as (e.g. Diaz-Aguado, 2004, cit. in Martins, 2009) que levantaram a questão se o tipo “indirecto” deveria considerar-se *bullying* ou se não deveria simplesmente ser designado de “exclusão social”.

Craig (1997) defende como definição para o fenómeno do *bullying* algo semelhante a Olweus. Para este autor, o *bullying* define-se como algo que envolve: “(...) um desequilíbrio na balança ao nível de força (quer seja física ou psicológica); atos negativos físicos ou psicológicos; uma intenção deliberada em prejudicar ou causar algum tipo de danos a outro; e que se repete ao longo do tempo” (p.123). Para além disso, o *bullying* envolve uma relação social (embora negativa) e ocorre com frequência na presença de outras pessoas (Craig & Pepler, 1995; cit. in Craig, 1998).

O *bullying* é uma prática que encontramos em todas as culturas e acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos na aprendizagem e no desempenho académico (Moura, Cruz & Quevedo, 2011).

Este é um fenómeno que pode distinguir-se de outros comportamentos violentos devido a três critérios, conforme Olweus (1994) defende: (i.) Intencionalidade do comportamento; (ii.) Comportamento repetido ao longo do tempo; (iii.) Desequilíbrio de poder entre o *Bully* a vítima.

No que diz respeito às figuras que encontramos neste fenómeno, podemos distinguir vítima de agressor (*bully*). Olweus (1993) fez essa distinção, apontando que as vítimas são mais ansiosas e inseguras que os/as estudantes em geral. Reagem com mais frequência às agressões chorando. São indivíduos mais cautelosos, sensíveis e possuem uma baixa auto-estima. Têm ainda uma imagem negativa deles próprios e sentem-se como um fracasso, como inúteis, sentimentos e pensamentos esses que resultam das experiências sucessivas de *bullying* de que foram alvo. Por outro lado, os agressores/as (*bullies*), são jovens com uma atitude mais positiva face ao uso da

violência, são impulsivos/as e com uma enorme necessidade de exercer domínio sobre os outros. Têm, por norma, uma visão bastante positiva sobre si. Os *bullies* são também especialistas no uso de técnicas de intimidação (Middleton-Moz e Zawaski, 2007). Rigby e Slee (1993), por sua vez, destacam outras características que podemos encontrar nos *bullies*, nomeadamente o facto de, muitas das vezes, serem pessoas populares e possivelmente manifestarem comportamentos anti-sociais ou não cooperativos.

Carvalhosa, Lima e Matos (2001) referem que tanto as vítimas como os agressores relacionam-se pior com os pais e pares, comparativamente com os/as jovens não envolvidos/as em situações de *bullying*, e apresentam maiores sintomas de depressão, sintomas físicos e psicológicos.

Ao nível de repercussões no futuro, existem estudos que indicam que o *bullying* numa fase precoce do desenvolvimento de um indivíduo está fortemente associado à violência emocional e, por vezes física, nos relacionamentos (Jacobson, 1992 cit. in Middleton-Moz e Zawaski, 2007).

Reportando agora aspectos mais ao nível dos diferentes papéis que podemos encontrar, uma vez que o *bullying* resulta de um processo de grupo, Salmivalli et al. (1996) identificaram a existência de seis papéis participativos em situações de *bullying*: (a) vítima, (b) *bully*, (c) incentivador do *bully*, (d) assistente do *bully*, (e) defensor da vítima e (f) *outsider*. Desta forma, participam em situações de *bullying* não só os *bullies* e as vítimas, mas também os indivíduos que desempenham papéis importantes no reforço do comportamento de *bullying* e na defesa da vítima. Por último, os *outsiders* são os/as jovens que não estão directamente envolvidos no fenómeno (Gini, 2005).

No que diz respeito à prevalência deste fenómeno, o *bullying* tem sido encontrado como muito frequente entre os/as estudantes do ensino básico e secundário (Bosworth, Espelage, & Simon, 1999; Boulton & Smith, 1994; Eslea & Rees, 2001; Hoover, Oliver & Hazier, 1992). Ao examinar a totalidade dos relatos de vitimização de alunos/as na escola, os resultados iam de entre 58% (Eslea & Rees, 2001) a 77% (Hoover et al., 1992). Por conseguinte, conclui-se que a maioria dos/as alunos/as são susceptíveis de serem vítimas de *bullying* durante os seus anos de escola (Poteat & Espelage, 2005).

Foram realizados vários estudos nos países anglo-saxónicos, de cariz quantitativo. Um desses estudos foi conduzido por Whitney e Smith (1993), que adaptaram o questionário de Olweus e aplicaram a 6000 alunos/as da região de

Sheffield, em Inglaterra. Um dos resultados a salientar desse estudo diz respeito aos locais onde o *bullying* ocorre. Verificou-se que a maioria dos episódios de *bullying* ocorrem nos recreios (intervalo entre aulas), sobretudo nas escolas básicas. Já nas escolas secundárias, os corredores e salas de aula são locais também referidos como prováveis de ocorrerem episódios de *bullying* (Martins, 2009). Foi ainda encontrado que apenas metade dos alunos/as reporta os episódios a alguém e que dessa percentagem 20% não tem qualquer atitude no sentido de ajudar a vítima (Martins, 2009).

Em Portugal, investigações realizadas, em 1998, verificou-se que 42.5% dos/as alunos/as entre os 11 e os 16 anos de idade reportaram nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10.2% afirmaram serem agressores/as, 21.4% referiram serem vítimas e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores/as (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; cit. in António, 2011).

Posto isto, é importante agora explorar um pouco sobre dois outros tipos de *bullying* que encontramos na sociedade e que têm sido alvo de investigação: *Bullying* homofóbico e *Bullying* transfóbico. Distinguem-se das formas mais “tradicional” de *bullying* pelas questões que estão na sua base (questões de orientação sexual e questões de género), bem como pelos argumentos utilizados e que muitas das vezes não recebem a devida atenção.

1.2. *Bullying* homofóbico

Nos últimos anos temos visto um aumento considerável de estudos sobre o fenómeno do *bullying*, das suas diversas formas de manifestação, das suas consequências e de características dos/as seus/suas intervenientes. Os vários estudos realizados na temática têm reforçado o facto deste fenómeno abranger diversas idades, tanto em jovens do sexo masculino como do sexo feminino, com várias formas de expressão. Uma dessas formas, e que tem sido alvo de estudo recentemente, é a homofobia.

A homofobia corresponde a qualquer forma de discriminação feita com base numa orientação sexual não-heterossexual (Oliveira, Pereira, Costa & Nogueira, 2010). Encontramos assim, na homofobia, crenças negativas, atitudes, estereótipos e comportamentos negativos que prejudicam gays e lésbicas (Wright, Adams, & Bemat, 1999). Alguns exemplos da componente comportamental da homofobia incluem provocações, ameaças, assédio e assalto, elementos esses que encontramos também presentes na caracterização do *Bullying* no sentido geral.

Assim, o *bullying* homofóbico pode ser caracterizado por comportamentos associados ao *bullying* no geral (e.g. agressões físicas, verbais, sexuais), mas revestidos de conteúdos homofóbicos.

Peter e Taylor (2013) realizaram uma pesquisa junto de estudantes de escolas no Canadá e encontraram que epítetos homofóbicos são muito frequentes e com elevada prevalência nas escolas canadianas. Os estudantes questionados, todos do sexo masculino, reportaram ter ouvido com frequência expressões como "Isso é tão gay", sendo que 70% dos participantes disseram ter ouvido tal comentário diariamente na escola. Por epítetos homofóbicos entende-se os comentários negativos e/ou insultos que visam atingir a pessoa a quem são dirigidos e que possuem conotação homofóbica.

É de salientar que o comportamento de *bullying* homofóbico pode ocorrer direccionado quer a pessoas heterossexuais quer LGBT, ou seja, também existem estudantes cuja orientação sexual é heterossexual e que se vêem alvo de homofobia, não pela sua orientação sexual, mas porque são percebidos/as como tendo uma orientação sexual não heterossexual e que não está em consonância com os papéis de género masculino ou feminino enraizados na sociedade (Poteat & Espelage, 2005; cit. in António, Pinto, Pereira, Farcas & Moleiro, 2012).

Do mesmo modo, o *bullying* é muitas vezes utilizado para “policiar” o comportamento masculino e feminino entre os jovens do sexo masculino e feminino (Eder, Evans, & Parker, 1995; Epstein, 2001).

O’Higgins-Norman (2008) divide o conceito de *bullying* homofóbico em dois tipos: (a) o *bullying* subjacente a um caráter hetero-normativo do ambiente escolar, associado a expectativas de papel de género independentemente da orientação sexual do jovem que é vítima, nomeadamente ao nível do “controlo” dos comportamentos considerados representativos dos géneros feminino e masculino; e (b) o *bullying* que tem por base comportamentos discriminatórios e persecutórios contra indivíduos LGBT.

Aos/às jovens heterossexuais também são chamados/as epítetos homofóbicos quando vitimizados (Phoenix, Frosh, & Pattman, 2003; Swearer et al, 2008).

A estes epítetos estão associadas elevadas preocupações ao nível da saúde mental e de um menor sentimento de pertença à escola das orientações sexuais não-normativas e juventude heterossexual (D’Augelli, Pilkington, & Hershberger, 2002; Poteat & Espelage, 2007; Swearer et al, 2008).

Poteat, O’Dwyer e Mereish (2011) apontam a existência de diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à frequência com que são alvo de epítetos homofóbicos ou os utilizam em direcção a colegas. Os autores consideram como um dos factores explicativos dessas diferenças os processos de socialização de género, na medida em que estes processos podem promover diferentes padrões de mudança para rapazes em relação às raparigas. Muitos rapazes são “socializados” para adotar crenças e comportamentos masculinos normativos e que muitas vezes são homofóbicos (Kimmel, 1997; Pleck, Sonenstein, & Ku, 1994; cit. in Poteat, O’Dwyer & Mereish, 2011). Além disso, os rapazes usam a linguagem homofóbica para afirmar e provar a sua heterossexualidade durante a adolescência (Korobov, 2004; Pascoe, 2007; Phoenix et al, 2003; cit. in Poteat, O’Dwyer & Mereish, 2011).

Semelhante aos rapazes, as raparigas também são “socializadas” para adotar crenças e comportamentos femininos normativos (Maccoby, 1998; cit. in Poteat, O’Dwyer & Mereish, 2011).

Em contraste com os rapazes, no entanto, estas normas na maioria das vezes não incentivam as raparigas a adotar atitudes homofóbicas ou a envolverem-se em comportamentos homofóbicos. Assim, as raparigas podem usar ou ser chamadas com epítetos homofóbicos com menor frequência ao longo do tempo. Apresentam assim, por sua vez, um padrão relativamente estável do uso de epíteto a um nível mínimo,

acabando também por terem experiências enquanto alvo desses epítetos a um nível igualmente baixo (Maccoby, 1998; cit. in Poteat, O'Dwyer & Mereish, 2011).

A pesquisa empírica sobre *bullying* homofóbico identifica frequentemente relações causais entre o *bullying* homofóbico e alcoolismo, suicídio, baixa escolaridade e uma variedade de perturbações ao nível emocional (Rios, 2001; Warwick et al., 2006).

Um estudo de António, Pinto, Pereira, Farcas, e Moleiro (2012) que teve como objectivo efectuar uma caracterização do fenómeno do *bullying* homofóbico em Portugal, ao nível das suas formas de agressão, prevalência e consequências encontrou resultados que permitiram constatar que a maioria dos/as jovens estudantes já presenciou situações de *bullying* homofóbico contra alunos/as que são ou que se pensa que possam ser homossexuais ou bissexuais, tendo a maioria das situações ocorrido dentro do espaço escolar. À semelhança dos resultados encontrados noutros estudos com outras populações (e.g. D'Augelli et al., 2002; O'Higgins-Norman, 2008), os resultados obtidos neste estudo sugerem que os rapazes portugueses são mais frequentemente vítimas de *bullying* homofóbico, comparativamente com as raparigas.

Vários estudos apontam que a juventude LGBT reporta maiores níveis de vitimização, angústia, e desempenho académico mais pobre do que a juventude heterossexual (Berlan, Corliss, Campo, Goodman, e Austin, 2010; Poteat, Aragão, Espelage, & Koenig, 2009; cit. in Poteat, Mereish, DiGiovanni & Koenig, 2011).

No que diz respeito à prevalência deste tipo de violência entre os jovens em meio escolar (*bullying* homofóbico), um estudo de Poteat, O'Dwyer e Mereish (2011) que procurou analisar o uso de epítetos homofóbicos e das suas consequências, vem chamar à atenção, bem como outros estudos recentes, para o facto de se continuar a observar uma elevada prevalência de comportamentos homofóbicos significativos em muitas escolas e que provocam graves consequências, tanto psicológicas como académicas, e portanto existe uma grande necessidade de ser dada maior atenção a estas questões.

Poteat e Espelage (2005) realizaram um estudo relacionando *bullying* e conteúdo verbal homofóbico utilizando como veículo de análise a escala de conteúdo homofóbico (HCAT - Homophobic Content Agent Target) e obtiveram como resultados que os rapazes fizeram comentários com conteúdo homofóbico para outros alunos em maior número do que as raparigas. Este resultado é consistente com a pesquisa sobre a homofobia, que indicou que os homens relatam atitudes e comportamentos em relação a

gays e lésbicas mais negativos que as mulheres (Herek, 1988; Johnson et al, 1997; Wright et al, 1999).

Relativamente aos tipos de *bullying* homofóbico, os resultados obtidos demonstram maiores níveis de violência psicológica do que de violência física, dados esses que foram de igual modo encontrados em estudos semelhantes (O'Higgins-Norman, 2008; Poteat & Espelage, 2005).

Do mesmo modo, verificou-se que as consequências psicológicas decorrentes do *bullying* homofóbico são notoriamente superiores para as vítimas do que para aqueles/as que não foram vítimas, destacando-se o isolamento, tristeza e solidão, tal como outros autores haviam evidenciado (e. g. Adams et al., 2004; Russell, 2003).

Ao nível da intervenção em situações de *bullying* homofóbico, um estudo levado a cabo por António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D. e Moleiro, C. (2012) recolheu dados que permitem afirmar que apesar das situações de vitimização serem presenciadas por terceiros, na maioria dos casos ninguém intervém e apenas em poucas situações é pedido ao/à agressor/a para parar com o seu comportamento. Regista-se ainda uma elevada percentagem de comportamentos que incentivam o comportamento do/a agressor/a e desvalorizam a agressão (e.g. risos).

No que diz respeito à prevalência desta forma de *bullying*, a nível internacional, os registos de vitimização também são bastante elevados, sendo que cerca de 92% dos indivíduos LGBT já foram vítimas de comentários homofóbicos, 84% afirma ter sido ofendido verbalmente e 83% sofrer insultos, ameaças, violência física e sexual (Poteat & Espelage, 2005; cit. in António, 2011). No contexto português, apesar de ser um fenómeno que está a receber alguma atenção, os resultados publicados ainda são escassos.

1.3. *Bullying* transfóbico

Na investigação focada ao nível das questões de género, discriminação e atitudes negativas são temas já com um considerável suporte teórico. Embora o sexismo tenha recebido considerável atenção, poucos profissionais têm investigado o preconceito e violência experimentada por pessoas transsexuais ou transgénero (Hill & Willoughby, 2005).

Um conceito importante desde já clarificar é o de transfobia. Transfobia é o sentimento de mal-estar ou mesmo repulsa em relação a pessoas que manifestam expressões não-normativas de identidade de género (Hill, 2002; Hill & Willoughby, 2005). Este conceito é, de certo modo, consistente com a de Weinberg (1972) de homofobia, que o autor define como sendo o medo irracional, ódio, e intolerância de estar em ambientes fechados com homens homossexuais e mulheres lésbicas (Weinberg, 1972; cit. In Nagoshi et al., 2007). No entanto há que ter cautela para não se confundir os dois conceitos. O conceito de homofobia é mais antigo e é apropriado por pessoas LGBT para reconhecer direitos e alertar a discriminação. Já o conceito de transfobia, por sua vez, surge como um conceito que é análogo ao da homofobia mas com menos história. Algumas pessoas trans utilizam este conceito de transfobia, enquanto outras continuam a usar a expressão de homofobia para relatar situações de discriminação contra pessoas trans.

Hill e Willoughby (2005) sugeriram que o conceito de transfobia, que "envolve o sentimento de repulsa (desgosto emocional) para mulheres masculinas, homens femininos, *cross-dressers* (travestis), transgéneros e/ou transsexuais " (p. 533) é multifacetado, com foco em todo o aval negativo de genderismo. De uma forma simplificada, transfobia constitui-se como um preconceito para com pessoas trans.

Genderismo é um conceito semelhante ao de heterossexismo (Hill & Willoughby, 2005), na medida em que se refere a normas sociais e institucionais que reforçam a adoção de comportamentos estereotipados tanto para sexo masculino como sexo feminino e “punem” os indivíduos que não se conformam com essas concepções – *gender nonconformity* (a não conformidade de género). Neste sentido, não só as pessoas transexuais estão em risco de serem vítimas de genderismo, mas também as pessoas que demonstrem qualquer forma de não-conformidade relativamente ao género (Costa & Davies, 2012). Segundo Hill (2002), o genderismo é uma crença de origem cultural e

que perpetua julgamentos negativos de pessoas que não se apresentam como um homem ou mulher estereotipados.

Hill e Willoughby (2005) defendem, relativamente ao genderismo, que é simultaneamente uma fonte de opressão social e vergonha psicológica, de tal forma que pode ser imposto a uma pessoa, mas também uma pessoa pode vir a internalizar essas crenças.

O Observatório de Educação LGBT (2013), por sua vez, e voltando ao conceito de transfobia, define este conceito como semelhante ao conceito de homofobia, isto é, como algo que caracteriza o medo e o resultante desprezo por, neste caso, transgénero ou transsexuais. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. Este desprezo é dirigido a pessoas com identidade ou expressão de género distinta daquela esperada a partir do seu sexo biológico. Transgénero diz respeito a alguém que não corresponde às categorias tradicionais dos géneros e que não se comporta como se espera convencionalmente perante o sexo biológico com que nasceu (observatório de educação LGBT, 2013). Dito por outras palavras, é alguém que “quebra” as regras sociais que procuram ditar a forma como cada sexo se deve comportar. O transegenderismo é um termo utilizado por algumas pessoas para incluir num só termo transsexuais, travestis, transformistas, andróginos e interssexuais. Transexual diz respeito, por sua vez, a pessoas que sentem que o seu corpo não corresponde à sua identidade de género.

Hill e Willoughby (2005) apontam que existe ainda muito pouca pesquisa sobre discriminação contra transexuais, transgénero e travestis.

Organizações não-governamentais relataram haver discriminação quando pessoas trans procuram acomodações públicas ou de habitação, acesso aos cuidados de saúde e serviços sociais, tais como abrigos de jovens ou de mulheres, ou procuram tratamento para álcool e problemas com drogas (e.g. Aliança dos direitos para gays e lésbicas em Ontário, 1997; cit. In Hill & Willoughby, 2005).

Adams-Price (1997) analisou as atitudes de homens homossexuais e heterossexuais em relação a vinhetas que observaram e que descreviam homens travestis (“*cross-dressers*”) homossexuais e heterossexuais. Descobriu que, em geral, homens homossexuais eram mais tolerantes com travestis do que os homens heterossexuais, mas os homens heterossexuais viam tanto homens homossexuais como

homens heterossexuais travestis negativamente, independentemente da orientação sexual (cit. In Hill & Willoughby, 2005).

Temos que atribuir algum peso à dimensão cultural na manutenção de atitudes, pensamentos e crenças transfóbicas na mente das pessoas em resultado dos padrões de género que estão nela enraizados e que tornam uma pessoa que não seja conformista com os mesmos um possível alvo de discriminação e até de *bullying*. Este tipo de concepções é mais predominante em culturas onde estão enraizados os padrões tradicionais de como um homem/mulher devem ser. Esta dimensão cultural e o peso que exerce nas pessoas que com ela interagem condicionam as pessoas levando a que tenham pensamentos e atitudes prejudiciais para com pessoas LGBT. Estes padrões tradicionais que estão enraizados em várias culturas e que são de difícil combate, podemos inseri-los num conceito designado de “heteronormatividade” e que constitui um grande obstáculo a ultrapassar quando queremos intervir na comunidade, visando a mudança de mentalidade e combater o fenómeno do *bullying* transfóbico.

Heteronormatividade pode ser definida como as "estruturas organizacionais em escolas que apoiam e reforçam a heterossexualidade como normal, natural e qualquer outra orientação é desviante" (Donelson & Rogers, 2004, p. 128; cit. In DePalma & Atkinson, 2010). Assim, a homofobia e transfobia surgem em contextos culturais heteronormativos, mas intervenções baseadas no contexto escolar focadas no combate ao *bullying* homofóbico/transfóbico fracassam por não serem capazes de entender o contexto cultural mais amplo da heteronormatividade (DePalma & Atkinson, 2010).

Há a ter em conta um aspecto muito importante no que diz respeito ao *bullying* transfóbico e que se prende com o número real de casos detectados e que são contabilizados como casos de *bullying* transfóbico. Segundo o 1º relatório bianual do Observatório de Educação LGBT (2012) é possível que os valores encontrados no que diz respeito à transfobia podem ser significativamente mais elevados do que os valores que foram encontrados. Por um lado por existirem casos não detectados mas também porque é confundida, algumas vezes, com a homofobia. Adicionalmente é possível verificar que, embora em menor número, tanto pessoas homossexuais como pessoas bissexuais são também vítimas de transfobia e que no presente relatório, embora com um valor muito baixo, surgem pessoas heterossexuais vítimas de homofobia e transfobia. Neste relatório encontramos ainda dados que vão no sentido do que a literatura e investigação têm vindo a confirmar e que se prende com a manifestação de homofobia e transfobia em todas as áreas, inclusive num sentido bidirecional, ou seja,

se muitos/as alunos/as sofrem discriminação vinda dos seus colegas heterossexuais, outros sofrem-na também de colegas homossexuais e/ou bissexuais que adotam posturas homofóbicas para que nenhum dos seus colegas desconfie da sua orientação sexual.

No dia-a-dia, muitos de nós deparamo-nos com situações em que estamos claramente perante um acto de homofobia/transfobia. Essas situações podem ir desde uma “piada” simples e quotidiana até ao insulto direto. Em alguns casos chegamos a deparar-nos com empurrões, socos e outros tipos de agressões que põem em risco a integridade física da vítima. Estes comportamentos provocam sentimentos negativos na vítima e que a conduzem a uma exclusão, que por sua vez levam a que a pessoa alvo desses comportamentos se condene com pensamentos e/ou comportamentos de homofobia/transfobia internalizada.

Pessoas trans, segundo a literatura existente, são a população considerada como mais vulnerável ao isolamento e à exclusão social. Para jovens trans, a Internet oferece um potencial adicional na medida em que não envolve o contato face-a-face, por isso há a oportunidade de interagir com as pessoas sem revelar características físicas (Clarke et. al., 2010).

Um estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género veio salientar que as pessoas mais percebidas como alvo de discriminação são as transexuais (Nogueira & Oliveira, 2010).

Taylor e Peter (2011) conduziram um inquérito, o primeiro a nível nacional e no qual foram envolvidas todas as escolas canadianas, sobre homofobia, bifobia e transfobia e que revela resultados a salientar relativamente a estudantes LGBT, mais particularmente estudantes trans. Em primeiro lugar verificou-se, em meio escolar, a ocorrência com frequência de comentários negativos sobre o género, em níveis similares a comentários homofóbicos. Por exemplo, um comentário como “não sejas menina” é utilizado para acusar rapazes de demonstrarem qualidades femininas, como o ser mais emotivo.

Um outro resultado deste mesmo estudo aponta que estudantes LGBT reportam terem sido alvo de comentários negativos relacionados com o género ou transfóbicos por parte dos/as professores/as. Atendendo a uma parte destes/as estudantes mais em concreto, o estudo revela ainda que estudantes trans apontaram ter ouvido comentários negativos sobre género ou transfóbicos de outros estudantes diariamente ou semanalmente (89,9% dos jovens trans). Os/as estudantes trans referiram ainda ter sido alvo deste tipo de comentários por parte também do corpo docente e funcionários

algumas vezes ou frequentemente (22,5%). No que diz respeito aos níveis de assédio vivenciados e que constituem outra das dimensões estudadas no inquérito, foi obtido que estudantes trans eram o maior alvo (64,8%), comparativamente com estudantes de outras orientações sexuais não-heterossexuais (33,3%) e estudantes não LGBT (17,3%), o que vem reforçar o já referido, de que a população trans é a diversos níveis a mais vulnerável e potencialmente maior alvo de discriminação, violência e *bullying*.

O referido inquérito aborda ainda outras questões cruciais de se ter em linha de conta, como os espaços onde episódios de discriminação, violência e/ou *bullying* podem ter lugar e que são espaços de maior “insegurança”. As respostas dadas revelaram que os/as participantes consideram como espaços mais “inseguros” na escola os balneários e corredores. Foram ainda referenciados outros espaços numa segunda linha de locais “inseguros”, tais como: os recreios e o trajecto casa – escola e escola – casa.

Analizando por fim, mas não menos importante, outras dimensões na vida de um/uma estudante trans, um estudo de Whittle, S. e Al-Alami, M. (2007) refere alguns resultados interessantes de referir, nomeadamente o facto de terem sido encontrados dados que apontam no sentido de que pessoas trans vivenciam problemas/dificuldades várias no seio familiar e com a vizinhança, levando à perda de suporte familiar, da sua residência e até do círculo de amigos. 45% dos/as participantes do estudo reportaram ter ocorrido um corte nas relações com a família devido ao seu processo de transição.

Por fim, em Julho de 2009, foi divulgado um relatório por parte do comissário dos direitos humanos no qual estão referenciadas algumas directrizes para ser traçado um caminho com vista a um mundo mais respeitador dos direitos de cada um, mas estão também referidos alguns dados encontrados e que vão de encontro ao acima referido. O presente relatório encontrou que estudantes transgénero encontram, tanto na escola como em ambiente familiar, frequentemente um ambiente inseguro, sendo alvo de *bullying* na escola e até mesmo expulsos/as do seio familiar.

2. Metodologia

2.1. Objeto e Objetivos

O presente estudo tem como objeto as experiências de *Bullying* transfóbico vivenciadas por pessoas trans. Dada a escassez de investigações em território nacional sobre a temática, este é um estudo que não se limita à descrição de um fenómeno mas sim também a uma maior compreensão e interpretação do objeto aqui em estudo.

Para tal foram definidos como objetivos os seguintes: 1. Conhecer as características das pessoas Trans que participaram no estudo; 2. Conhecer a sua experiência em contexto escolar; 3. Analisar os diversos comportamentos de que foram alvo, bem como os locais onde ocorreram.

2.2. Método

A metodologia adoptada neste estudo é de nível qualitativo, por se afigurar como a mais adequada ao tema e população em estudo e por fornecer uma compreensão profundada dos fenómenos sociais (Lessard-Hebert, Goyette & Boutin, 1994; Silverman, 2000). Consideramos, do mesmo modo que Silverman (2000), que a escolha entre os diferentes métodos de investigação (qualitativo ou quantitativo) depende do que se está a investigar. No que concerne ao instrumento utilizado e em que moldes foram os dados recolhidos analisados, esses aspectos estão detalhados nos pontos que abaixo se seguem.

2.2.1. Participantes

No presente estudo participaram duas pessoas transsexuais em fases de transição distintas. A média de idades é de 32 anos. As participantes identificam-se como transsexuais de homem para mulher (MtF). São de nacionalidade portuguesa. Relativamente à sua orientação sexual, ambas as participantes que fizeram parte do estudo se definem como bissexuais. A tabela 1 apresenta as características sociodemográficas das participantes.

Participante	Idade	Nacionalidade	Escolaridade	Orientação Sexual	Condição de transgénero	Estado Civil
P1	43	Portuguesa	12º Ano	Bissexual	Transsexual	União de facto
P2	22	Portuguesa	12º Ano	Bissexual	Transsexual	solteira

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes

2.2.2. Instrumento: Entrevista

Para a recolha de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, por parecer ser o instrumento mais adequado aos objetivos traçados. A entrevista é, de acordo com Fontana e Frey (1994 cit in Aires, 2011), “uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano” (p.27).

Para além disso, a entrevista semiestruturada constitui-se como método de recolha de dados fidedigno, o que dá a possibilidade de escutar a perspetiva do/a participante e compreendê-la. Desta forma conseguimos dar voz à pessoa que partilha connosco as suas vivências e experiências de vida e compreendemos a sua perspetiva.

Este tipo de entrevista dá à participante a liberdade de dizer o que quiser quando lhe é colocada pelo/a entrevistador/a a questão/tema. No entanto, existe uma linha orientadora que o/a entrevistador/a nunca deve deixar de seguir. Na eventualidade de o/a participante distanciar-se do tema que está a ser abordado, o/a entrevistador/a redireciona-o/a para o mesmo (Bartholomew, Henderson & Márcia, 2000 cit in Fraser & Gondim, 2004).

Deste modo, foi elaborado um conjunto de temas/tópicos a serem abordados, os quais serviram de guia no decorrer das entrevistas. O guião da entrevista semiestruturada partiu de uma revisão da literatura, incluindo questões que foram consideradas pertinentes e relevante para a compreensão do objeto de estudo deste

trabalho. Há medida que novas pesquisas foram sendo feitas e em simultâneo contactos com associações e projectos focados em questões LGBT, o guião foi sendo reformulado até ao guião final, que foi utilizado nas entrevistas conduzidas e que se encontra em anexo (Anexo I).

2.2.3. Procedimentos

Desde o início sabíamos que o acesso a pessoas com as características que procurávamos seria um desafio árduo, mais ainda pela temática que pretendíamos explorar. Trata-se de uma população de difícil acesso por vários factores, tais como a discriminação de que são alvo em diversos contextos, a estigmatização, a injustiça social que enfrentam bem como as experiências de *bullying* que enfrentaram e que marcam a pessoa a vários níveis.

Tendo todos estes aspectos em linha de conta, foi inicialmente pensado ir ter com a população, isto é, estar actualizado sobre eventos, tertúlias, debates centrados nas questões trans e no qual estivessem envolvidas pessoas trans que dessem o seu contributo nesses eventos. Dos vários a que estive presente ocorriam situações como a de estarem 15 inscritos para comparecer num debate e somente uma pessoa trans apareceu, pessoa essa que não quis contribuir por ainda ser algo que tem muito presente na mente, sendo que se encontrava a ser acompanhada por um psicólogo a fim de desenvolver estratégias para lidar com os sentimentos e pensamentos que possuía na altura.

Em outros eventos que ocorreram acontecia de o tema ser efetivamente centrado nas questões trans mas não comparecer qualquer pessoa trans a dar o seu contributo.

Após várias tentativas, por esta via foi possível obter-se uma participante para o estudo, que se ofereceu para divulgar na sua rede de contactos, seguindo a lógica de um método de snowball.

Surgiu assim a necessidade de se pensar em outras vias, tendo-se recorrido a associações e projectos, os quais divulgaram em vários meios o estudo (respectivas páginas de internet, páginas no facebook e *mailling lists*). Foram feitos contactos com responsáveis pela organização de vários eventos para divulgarem junto das suas redes de contactos.

Em simultâneo com estas vias que eram exploradas, foi também divulgado junto de colegas que haviam já trabalhado ou se encontravam a trabalhar com pessoas trans (tanto em contexto de estágio ou dissertação de mestrado) e que procuraram partilhar o meu estudo e fornecer os meus contactos a possíveis interessados/as. Por esta via surgiu uma participante que mostrou de imediato enorme interesse em participar e outros/as que chegaram mesmo a marcar entrevista mas que desmarcaram em cima da hora por motivos de ordem vária, tais como: ter tido imprevistos, que afinal não se sentiam preparados para recordar essa fase das suas vidas ou que dizia respeito a uma fase em que ainda não eram elas próprias (como foi referenciado em duas situações – “Ainda não era eu e é página do passado”).

Com uma metodologia e guião delineados e tendo já duas participações, havia necessidade de procurar outras vias para além das já referidas. Procurou-se assim em jornais e sites de internet por transsexuais trabalhadoras do sexo que pudessem aceitar participar. Por esta última via, foram feitos contactos telefónicos e as respostas obtidas foram “tente contactar-me mais tarde que de momento não posso falar” ao que eu tentei por várias vezes não tendo sido atendidas as chamadas. Sucedia ainda de pedirem para pensar um pouco e que deixasse o meu contacto via sms, o que foi feito e ao qual não foi dada qualquer resposta.

Atendendo à área de residência das duas participantes do presente estudo surgiu uma nova questão, que se prende com a realização da entrevista propriamente dita. Uma entrevista presencial e que se entende que seria mais rica e vantajosa não era possível em nenhum dos casos. Como solução para esta questão, as entrevistas foram conduzidas via skype, uma via que pode ser igualmente rica e produtiva, dado que foi utilizada webcam para a partilha de imagem entre os intervenientes (entrevistador e participante).

Foi em todos os contactos apresentado o estudo, os objetivos e garantida a confidencialidade dos dados recolhidos. Foi colocada igualmente a questão sobre a gravação da mesma, à qual as participantes que contribuíram neste estudo aceitaram sem reservas.

Sabemos que tendo seguido a via skype, ainda que por impossibilidade de entrevista presencial, a riqueza das entrevistas fica de alguma forma comprometida, mas no decurso das mesmas, pela partilha de imagem com webcam percebeu-se que era

possível tomar nota dos vários momentos devido ao ambiente tranquilo e de partilha que foi estabelecido em ambas as situações.

Os dados foram recolhidos durante os meses de Agosto e Setembro de 2014. Foram efectuadas num total 25 chamadas telefónicas, tendo desses somente uma sido atendida e aceite. Foram enviados um total de 16 emails (aqui estão incluídos associações, projectos e possíveis participantes), aos quais responderam todas as associações contactadas e somente duas participantes, tendo uma dado uma resposta positiva.

De todos os contactos realizados, as duas participantes disponibilizaram-se a serem contactadas caso fossem necessárias informações adicionais e ambas pediram para no final terem acesso ao estudo por curiosidade e por considerarem que é um estudo interessante e que gostariam de ver feito em maior escala.

Em média as entrevistas duraram 65 minutos, tendo a mais curta tido a duração de 67,5 minutos e a mais longa de 80 minutos.

Em todas as entrevistas foi realizada gravação do áudio (com consentimento prévio das mesmas para tal), tendo posteriormente sido transcritas integralmente para ser realizada a análise dos dados obtidos.

2.2.4. Análise dos dados

Para analisar os dados que foram obtidos, recorreremos a uma análise temática. Consideramos este o método de análise mais adequado dado o carácter do estudo e por não haver hipótese definidas mas sim questões/temas a explorar.

A análise temática (método de análise de dados adoptado) é um método de análise qualitativa que permite identificar, analisar e relatar os padrões (temas) dentro do conjunto de dados. Organiza minimamente e descreve o conjunto de dados com detalhe. No entanto, frequentemente, vai mais longe do que isso e interpreta os vários aspectos no tema de pesquisa (Boyatzis, 1998; cit. in Braun & Clarke, 2006).

Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática é o primeiro método qualitativo de análise que os/as investigadores/as devem aprender, pois fornece habilidades centrais e que serão úteis para a realização de muitas outras formas de

análise qualitativa. Tem como um dos benefícios a sua flexibilidade. É uma forma de análise distinta de outras como análise de conteúdo ou análise de discurso.

Braun e Clarke (2006) referem ainda ao nível de um conjunto de decisões que o/a investigador/as deve, antes de tudo, tomar. Uma dessas decisões prende-se com a forma de análise. Temas ou padrões dentro de um conjunto de dados pode ser identificado de uma das duas maneiras principais em análise temática: de modo indutivo ou “bottom up” (e.g. Frith e Gleeson, 2004), ou de modo teórico ou dedutivo ou “top down” (e.g. Boyatzis, 1998; Hayes, 1997). Outra decisão que o/a investigador/a deve tomar é a que nível será essa análise dos dados, se será a um nível semântico ou latente.

Passando agora a passos que se deve seguir nesta técnica de análise qualitativa, são 6 os passos: (i.) Investigador/a deve familiarizar-se com os dados; (ii.) Gerar códigos iniciais; (iii.) Procurar por temas; (iv.) Rever os temas; (v.) Definir e atribuir nome aos temas; e (vi.) Produzir um relatório (Braun & Clarke, 2006).

No primeiro passo (Familiarizar com os dados), o/a investigador deve transcrever dados (se necessário), realizar uma leitura e re-leitura dos dados, anotando à medida que o faz ideias iniciais. O passo que se segue é gerar códigos iniciais, onde o investigador deve codificar características interessantes dos dados de forma sistemática ao longo de todo o conjunto de dados, comparando dados relevantes para cada código. De seguida avançamos para a procura de temas (passo 3), onde o investigador vai agrupar os códigos em potenciais temas, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial. O quarto passo é a revisão dos temas, no qual se deve verificar se os temas funcionam no que diz respeito à relação com os extractos codificadas (nível 1) e todo o conjunto de dados (Nível 2), gerando o que se pode chamar de um “mapa temático” da análise. Depois de todos estes aspectos trabalhados avançamos para o quinto passo (Definir e atribuir nome aos temas). Neste momento deve estar a decorrer uma análise para refinar as especificidades de cada tema e do que a história geral da análise nos diz, gerando definições claras e nomes para cada tema. Por fim, o sexto e último passo neste método de análise é a produção de um relatório e constitui uma última oportunidade para a análise. É realizada uma seleção de extratos, um agrupamento dos mesmos, uma análise final dos extratos seleccionados, relacionando com a análise, questões de investigação e literatura, de modo a produzir um relatório académico da análise realizada.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Os resultados que se seguem serão apresentados tendo como linha orientadora os temas principais que resultaram da análise temática dos mesmos.

3.1. Suporte Social (amigos/família) no processo de transição.

Como questão inicial foi perguntado às participantes como foi o seu desenvolvimento, isto é, quando percebeu que era trans, como foi esse processo e com que rede de suporte pôde contar. As questões em si colocadas encontram-se no guião em anexo (Anexo I). Ambas referem ter sido um processo contínuo e que o ser trans era algo que “esteve sempre presente na vida , de uma forma inconsciente durante uma boa parte da mesma e que se foi tornando totalmente consciente” (P2).

É referido por ambas que todo este processo foi longo e passou por uma fase de total desconhecimento do que era ser trans. Sentiam-se do sexo oposto, sentiam-se confortáveis quando vestiram roupas associadas ao género oposto e não sabiam muito bem o que isso significava. Num dos casos, da participante mais jovem, esta ideia é bastante clara quando diz: “Não sabia o que era. Se for a comparar com o resto da minha vida só sei o que é a transsexualidade há relativamente pouco tempo” (P2). Tanto a P1 como a P2 referem que todo o processo é “solitário”, no entanto no que diz respeito a suporte as duas participantes têm experiências distintas.

Encontramos por um lado, uma participante que não teve qualquer suporte familiar, referindo mesmo que a nível de relação com a família não se relaciona de todo com os seus irmãos e que no que diz respeito aos pais, a relação com o pai era extremamente conflituosa.

“Sempre fui discriminada pelos meus irmãos. Em relação ao meu pai este batia-me. Foi muito cruel comigo. Queria moldar-me à força e acreditava que eu tinha que ser homem dê por onde der” (P1)

Realidade bem distinta é a que foi retratada pela P2, que diz viver somente com a mãe, com quem não teve grandes partilhas mas que a apoia, apesar de inicialmente ter havido um período de alguma resistência.

Relativamente a suporte de amigos durante este processo, as duas participantes voltam a reportar histórias de vida similares. Ambas referem ter perdido amizades por serem trans.

“Sim, sem dúvida que perdi amizades. Ainda estou a perder devido a isto” (P2)

“A minha rede de amizades é muito curta. Tive pessoas que me tinham adicionado no facebook, isto já numa fase mais recente, que foram perdendo amigos por me terem como amiga e me removeram. Há pessoas que me acompanharam ao longo do processo e que ficaram, mas só duas ou três. O resto afastou-se. Como não sabem lidar com isto afastam-se” (P1)

Como se pode constatar, as participantes viram as suas redes de amizades afectadas, efeitos esses que ainda hoje sentem. Este resultado vai de encontro ao que se encontra revisto na literatura, particularmente no estudo de Whittle, S. e Al-Alami, M. (2007) que referem haver dados que apontam no sentido de que pessoas trans vivenciam problemas/dificuldades várias no seio familiar e com a vizinhança, levando à perda de suporte familiar, da sua residência e até do círculo de amigos.

3.2. ***Bullying* Transfóbico – Relatos de experiências vivenciadas**

Às participantes (P1 e P2) foi colocada a questão de “como definem o *bullying*?”, com o intuito de clarificar com as mesmas o conceito e que o tema fosse abordado com a definição clara.

“É um sistema de assédio constante ao longo dos dias, presente no quotidiano, de maneira prevasiva, que de uma maneira ou de outra está sempre lá, mesmo que a vítima não esteja a ser vítima de uma ação física ou verbal ou psicológica no momento, é algo que está sempre presente. É uma ameaça que pode atacar a qualquer momento (...)” (P2)

Esta foi uma das respostas obtidas e que espelha desde logo sentimentos que eram vivenciados pela pessoa alvo de *bullying*, nomeadamente o receio e o sentir-se constantemente ameaçado/a. Esta resposta está em consonância com o que é escrito por vários autores, nomeadamente Olweus (1993) que define *bullying* como um comportamento que ocorre repetidamente e ao longo do tempo, numa relação

caracterizada por um desequilíbrio de poder e/ou força, na qual o indivíduo é exposto frequentemente a acções negativas por parte de uma ou mais pessoas.

“*Bullying* é uma forma de agressão brutal, em geral psicológica e muitas vezes física (...) é como uma violação daquilo que nós somos” (P1)

Este é outro exemplo de como é visto o *bullying* pela participante e que está em sintonia com o existente na literatura.

Depois de abordado o conceito, foi pedido às mesmas que partilhassem situações que se recordassem e que sentisses confortáveis em partilhar com o entrevistador.

No que diz respeito às primeiras situações, em ambos os casos teve lugar no ensino primário. Quanto aos espaços onde as suas experiências de *bullying* ocorreram, ambas referem como principal espaço os balneários que se viam obrigadas a frequentar nas aulas de educação física.

“Os balneários de EF (educação física) são um ambiente absolutamente tóxico, para quem não é conformista de género, principalmente o masculino que é de uma toxicidade muito grande e onde uma pessoa naturalmente mais feminina se sente mais vulnerável” (P2)

Ora, este testemunho vem confirmar o que a literatura já defende, nomeadamente o inquérito referido na revisão, conduzido por Taylor e Peter (2011), segundo o qual as respostas dadas revelaram que os/as participantes consideraram como espaços mais “inseguros” na escola os balneários e corredores.

“Roubavam-me os ténis, o fato de treino, tudo. Eu acabei por ter que falar com a médica da escola e pedir atestado para não fazer EF. Na altura tinha sinusite e o teto era aberto e usei isso como desculpa.” (P1)

“É um espaço onde as defesas, por imposição de outros factores estão em baixo. Não podemos fugir. É bastante fácil cercar uma pessoa. Eu levava até a roupa já vestida muitas vezes para não mudar de roupa no balneário” (P2)

Estes dois testemunhos espelham bem toda a pressão a que esta população é sujeita bem como o facto de ser um ambiente com menor vigilância e onde a pessoa fica mais exposta, o que torna este espaço um local de elevado risco de ocorrerem episódios de *bullying*.

“Vou especular que acontecia mais em balneário por ser um ambiente mais fechado” (P2).

O contexto de balneário não foi o único a ser referenciado. Num dos casos foi ainda referido que o *bullying* passava dos limites do balneário até à própria aula de EF. A participante que foi alvo de *bullying* no decorrer destas aulas refere que tal teve lugar no seu 10º, altura em que pela 1ª vez teve apoio por parte de um docente, que chamava os provocadores (*bullies*) à atenção, tendo mesmo colocado por várias vezes fora da aula com falta disciplinar.

“Eu não gostava de voleibol e batia mal a bola. Ouvia logo “olha a menina. Ainda parte uma unha o maricas”. Mas aí o professor era impecável. Dizia não admitir isso e chgou a por colegas fora da sala. Chegaram a pregar-me rasteiras e empurravam-me para eu cair.” (P1)

Abordando agora outros espaços onde os episódios ocorriam, foi referido por P1 e P2 áreas como os recreios/intervalos entre aulas, os corredores, espaços de menor visibilidade, salas de aulas, refeitório e mesmo no trajecto escola – casa.

“Havia uma sala de estar com rádio escolar lá no liceu (10ºano) e tive alguns episódios em que ouvia bocas, bem como no refeitório, em que me chamavam “paneiro”, “maricas”. Os episódios mais graves eram nos espaços em que me apanhavam mais isolada, como os espaços atrás dos pavilhões.” (P1)

“Houve episódios em algumas salas de aula, dependendo do utente a leccionar a disciplina. Havia utentes mais despreocupados com a turma e até mesmo transmisógeno. As traseiras dos blocos eram também espaços mais perigosos para quem não se conforma a 100% nos padrões, porque são espaços com menor visibilidade e vigilância e como tal os prevericadores sentem-se mais à vontade para todo o tipo de coisas.” (P2)

Estes dois testemunhos são exemplos da multiplicidade de espaços onde o/os provocador/es podem tomar ação e exercer *bullying* sobre colegas. Pelos resultados obtidos pode-se depreender que os bullies procuram locais de fraca ou nenhuma vigilância e recatados, onde seja de extrema dificuldade alguém que não os intervenientes possa assistir algo e reportar, e que exercem tal pressão e violência que

faz despoletar sentimentos e pensamentos negativos como vamos ter oportunidade de analisar mais à frente.

Podemos neste momento perceber que, das várias formas que o *bullying* pode tomar, a forma verbal foi a mais presente em ambos os casos, o serem chamados de comentários (epítetos) com conotação homofóbica, o que novamente está em conformidade com dados obtidos em vários estudos realizados. Um dos que espelha isso mesmo é o inquérito de Taylor e Peter (2011) no qual foi encontrado existir uma ocorrência com frequência do uso de comentários negativos a estudantes LGBT que eram relacionados com o género ou transfóbicos por parte de outros estudantes diariamente ou semanalmente (89,9% dos jovens trans).

Abordando as experiências vivencidas em que as agressões tiveram dimensão física também, ambas referem vários episódios, dos quais destaco dois que são exemplos flagrantes da dimensão que este fenómeno pode tomar.

“Juntaram-se todos a mim. Um colega estava já sentado à minha espera. Esfregaram-me a cara na virilha dele. Por sorte não tive contacto com a genitalia dele” (P2)

“Havia uma zona que tinha uns arbustos e tinha um espaço lá no meio. Quando vou a passar, eles cercam-me. Eles queriam despir-me e ver o sexo que eu tinha” (P1)

A salientar com estes dois excertos que as duas participantes em questão foram alvo de *bullying* mas não por um só agressor. Era um grupo de colegas, que tinha a atenção em cercar e esconder o que planeavam fazer. O ponto que se segue falará com mais detalhe deste aspecto, isto é, do comportamento do/s provocador/es e de outros intervenientes.

3.3. *Bully* ou *Bullies*? Os vários papéis encontrados nas vivências partilhadas

Até aqui exploramos o conceito de *bullying*, à luz da literatura e na voz das participante e dos vários espaços onde os episódios ocorreram. Mas os episódios têm lugar por existirem intervenientes. Quando um fenómeno de *bullying* conseguimos definir quase que de imediato dois papéis: o de *Bully* (ou provocador) e o de vítima, mas

existem outros, como se pode ler na revisão de literatura. As duas histórias recolhidas espelham os vários papéis que podem ser atribuídos.

“Com 15 anos eu era a preferida de um rapaz que fazia 3 de mim (pesado) e que tinha um grupinho de mais quatro. Quando me via começava a dizer coisas do género “dá cá um beijinho” (P1)

“Numa outra situação cercaram-me e só me saí porque um deles disse “deixem lá o rapaz” (P1)

“Dependeu do ano em que eu estava. Tive turmas tranquilas, turmas em que era alvo de forma generalizada, sem uma hierarquia definida e uma, que foi a pior, em que havia uma hierarquia definida e um instigador principal digamos... e era pior porque tornava-se algo mais organizado... parecia as legiões de Persia a debaterem-se com as legiões de Roma. No exemplo mais generalizado e anárquico alguns até diziam “pára com isso” só mesmo para ficar bem na imagem mas não passava disso. Na turma mais organizada, ficavam caladinhos porque se dissessem alguma coisa tinham todo o sistema contra eles” (P2).

Conseguimos com estes testemunhos encontrar vários papéis que estão considerados na literatura, tais como: *Bully/Bullies*, Vítima, assistente do *bully* e defensor da vítima. Estes testemunhos reforçam um outro aspecto considerado na literatura, o de que o *bullying* resulta de um processo de grupo, tal como Salmivalli et al. (1996) defendem, tendo identificado em investigação a existência de seis papéis participativos em situações de *bullying*: (a) vítima, (b) *bully*, (c) incentivador do *bully*, (d) assistente do *bully*, (e) defensor da vítima e (f) *outsider*. Alguns destes papéis são claros nos testemunhos. Assim, podemos concluir que participam em situações de *bullying* não só os *bullies* e as vítimas, mas também os indivíduos que desempenham outros papéis importantes no reforço do comportamento de *bullying* e na defesa da vítima.

3.4. Procura de apoio institucional ou junto de pares

As participantes referem a este nível não ter tido qualquer apoio por parte do corpo docente e outros profissionais em nenhum momento, salvo uma exceção com uma das participantes no 10º ano e que já de seguida será explorada. Referem não tê-lo

feito por haver situações em que os próprios professores contribuíam para o que lhes acontecia.

“Cheguei a ter professores que atiravam objectos nas aulas e algumas professoras que se riam e achavam piada a estar ali a levar com objectos. É um problema que existe. A sala de aula é suposto ser um espaço seguro e quando o professor se torna cúmplice dessas situações de *bullying* é um bocado complicado pois temos literalmente parte do sistema educativo conta nós por assim dizer” (P2)

“Não sentia apoio nenhum da parte de ninguém da escola. A própria professora ainda se ria enquanto apagava coisas que haviam escrito para mim no quadro (e.g. maricas). Quando ouvia duas alcunhas que me colocaram (“mariazinha e Borboleta”) só mandava calarem-se. Não fazia nada” (P1)

Estes são exemplos de situações nas quais a postura do corpo docente foi de ignorar, não percebendo os sinais que estavam diante deles. Nas situações reportadas em que os docentes acabaram por soltar risadas, as participantes revelam que isso servia de catalizador, o que reforçava o sentimento de impunidade dos provocadores bem como alimentava a vontade de continuar a exercer *bullying* sobre as vítimas.

Das várias questões colocadas, foi abordado porque não reportaram ao conselho directivo, pelo que ficou claro e os excertos acima são indicadores disso, haver um sentimento de descrença que o sistema educativo actue de forma a pôr termo aos episódios. Os seguintes excertos colocam mais ênfase nestas conclusões retiradas.

“Não contei com apoio institucional porque mesmo que fosse lá ou não tomavam ação ou tomavam mas depois os instigadores continuavam presentes e eu vulnerável a eles. Em teoria as escolas têm argumentos para prevenir estas situações mas na prática é o equivalente a um preservativo que passou por uma máquina de costura, todo furado e não oferece proteção” (P2)

“Quando tentei procurar ajuda as coisas tornaram-se piores. Os prevericadores foram suspensos e quando voltaram obrigaram-me a engolir pedras e tive que fazer lavagem ao estômago dois dias depois” (P2)

O que se pôde constatar nas entrevistas realizadas é que o sistema educativo, possivelmente por desconhecimento ou falta de formação, actua chamando os provocadores à atenção ou suspendendo-os. Ora, como se pode constatar pelos

depoimentos, isso não teve efeitos preventivos, muito pelo contrário, serviu de catalizador e reforço para os episódios se sucederem.

Dentro da temática da procura de ajuda para reportar os episódios na tentativa de lhes pôr termo, foi também abordada a procura de ajuda junto de pares, ao qual, e como se pode perceber pelos resultados obtidos no que diz respeito ao impacto que o ser trans teve nas suas relações de amizade, que nenhuma das participantes procurou ajuda juntos de pares e/ou amigos/as. Os motivos para tal não ter sido feito podem ser entendidos com base nos excertos abaixo indicados:

“Não tinha amigos para desabafar porque ninguém se dava comigo. Tinha efectivamente uma amiga mas que não podia fazer muito por mim. Era de outra turma, de outra escola. Tinha ainda um amigo mas deixou de se dar comigo porque chegaram a ele e disseram que se continuasse a dar-se comigo também ia sofrer. Um dia vou ter com ele e não me cumprimenta” (P1)

“Nunca contei nada à minha mãe, nem a amigos nem a família. Os meus colegas ficavam passivos a assistir com receio de que o sistema se voltasse contra eles” (P2)

Podemos perceber que não reportavam a amigos ou colegas por dois factores principais: um desses factores prende-se com o facto de terem uma rede de amigos muito reduzida ou nula. Um outro factor tem a haver com a influência que o *Bully/bullies* exerciam sobre os colegas. Com medo de tornarem-se também alvos adoptavam uma postura de inércia e viravam a cara para outro lado, o que conduzia a um sentimento de que estavam sozinhos/as nestes episódios e não podiam nem contar com a ajuda de colegas para reportar.

3.5. Pensamentos e Sentimentos

Como tema final foram abordados os sentimentos que experienciavam durante essa fase das suas vidas, bem como os pensamentos que tinham. Para melhor podermos analisar estes aspectos, encontram-se de seguida alguns excertos.

“Sentia uma confusão geral. Não compreendia porquê. Ainda hoje procuro resposta. Qual a razão de as pessoas fazerem isso e não há razão. Sentia-me uma espécie de entretenimento sádico, um espectáculo humorístico, um saco de boxe. Sentia também

imensa raiva. Havia momentos em que ficava tipo Hulk mas sem ficar verdinha e com músculos. Era bom que os tivesse que assim esmagava uns quantos mas infelizmente não acontece na vida real” (P2)

“Sentia-me humilhada e pensava que o melhor era eu morrer. Tentei o suicídio por duas vezes. Uma em que cortei os pulsos e por sorte/azar não sabia cortar e foi superficial. Outra em que tomei comprimidos e uma amiga deu por minha falta nas aulas e veio a casa e com a minha mãe fizeram-me vomitar” (P1)

Estes dois exemplos são intensos e revelam imenso da dimensão psicológica que o *bullying* tem. As participantes revelaram, como já referi, sentir confusão mas também raiva, tendo tido pensamentos de suicídio, e como se pode constatar num dos casos, existiu mesmo tentativas. O ponto que mais é focado é a busca em ambos os casos de uma razão para estarem a ser alvo deste tipo de episódios. O facto de não encontrarem uma explicação plausível ou que justificasse lançava mais ainda a ideia na mente destas pessoas de que o problema não é dos provocadores mas está nelas próprias. No entanto, à data da entrevista é notório que encontram como possíveis causas explicativas do que vivenciaram questões de género, mais concretamente ao nível dos papéis que a sociedade incute sobre a forma como é expectável que um homem e uma mulher se comportem. Tais conclusões estão de acordo com a revisão da literatura, como se pode constatar no estudo de Poteat e Espelage (2005) no qual se salienta o facto de poderem ocorrer comportamentos de *bullying* pelo facto de as pessoas serem percebidos/as como tendo uma orientação sexual não heterossexual e que não está em consonância com os papéis de género masculino ou feminino enraizados na sociedade. Podemos assim concordar ainda com a literatura quando defende que o *bullying* acaba por ser utilizado para “policiar” o comportamento com vista a ser conformista com o seu sexo biológico.

Outro sentimento que foi possível de recolher nos depoimentos foi o que desconforto com o corpo. Este sentimento não está relacionado directamente com o *bullying* mas sim com questões de género. É, no entanto, de salientar por ser algo que era sentido durante os anos de escola e por influenciar a escolha da indumentária, o que, segundo foi recolhido, originava situações de embaraço e risos por parte de colegas . O seguinte excerto reflete o aqui referido:

“Quando fui para o 7º ano, para onde iam os meninos betinhos, cheios de dinheiro, e eu era uma pessoa que não se sentia bem com o corpo, utilizava formas de

dar a volta a isso, como roupas largas, andrógenas. Não me sentia homem e procurava esconder o não ter peito” (P1)

Para além dos sentimentos e pensamentos que eram vivenciados pelas participantes do estudo, existia um outro sentimento que estava constantemente presente: o sentimento de insegurança constante. As participantes revelaram que sentiam em todos os momentos inseguras, com receio do próximo episódio, sem saberem onde ia ter lugar ou quando, tendo num dos casos a sucessão de episódios de ameaças sido tão intenso que houve a necessidade de realizar durante um período de tempo o trajecto escola – casa na companhia de um agente de autoridade, como se pode constatar nos excertos que se seguem:

“Eu era de tal modo alvo que quando saía da escola tinha de ter “uma escolta” (um guarda) porque tinha um grupo à minha espera que dizia que me limpava o sebo porque eu era maricas e não tinha direito a viver” (P1)

“Acabaram por me espancar. Tive de usar uma pala durante um mês, como um pirata. A ameaça está sempre presente, como se fosse uma guerra fria” (P2)

Estes são alguns exemplos de sentimentos e pensamentos que podem ser experienciados por pessoas alvo de *bullying*, neste estudo em particular, são sentimentos e pensamentos de pessoas trans alvo de *bullying* transfóbico.

4. Considerações finais

Com o presente estudo concluiu-se que de facto pessoas trans são também alvo de *bullying* transfóbico, um tipo de *bullying* com algumas particularidades e que devem ser salientadas.

Em primeiro lugar referir algo que as próprias participantes referiram nos seus contributos e que diz respeito ao facto de inicialmente não terem qualquer conhecimento do que era ser transgénero ou transsexual e que tal como não sabiam, também os seus colegas de escola não sabiam. O facto é que eram alvo de *bullying* por serem pessoas que tinham uma identidade de género que não era conformista com o seu sexo biológico. Este elemento conduzia a, por exemplo, um homem transsexual, isto é, que nasceu com o sexo biológico masculino mas tem identidade de género feminina e procura fazer a transição, irá manifestar comportamentos considerados pelos papéis de género vingentes na sociedade como sendo do sexo feminino, o que, não sendo o sexo biológico da pessoa, origina reações em outras pessoas. Adequando tudo o referido ao contexto escolar, e tendo em linha de conta os depoimentos recolhidos, o facto de serem mulheres trans MtF pode ser um dos factores explicativos para terem sido alvo de *bullying* nos seus anos de escola.

Fico também claro que esta população foi alvo a vários níveis, tendo sofrido violência a nível físico e psicológico, e em consequência disso, tido mesmo ideação suicida, uma das consequências encontradas em outros estudos, nomeadamente com população LGB.

Um outro aspecto ao qual gostaríamos de chamar a atenção prende-se com as próprias instituições de ensino. A ter em conta que as participantes revelaram não ter sentido qualquer apoio por parte das mesmas e nas situações em que chegaram a procurar, as medidas adoptadas não só não puseram termo aos episódios como serviram de catalizador para os provocadores (bullies) terem atitudes mais violentas ainda. Outro aspecto a ressaltar diz respeito ao comportamento de funcionários e corpo docente, que, e isto é um aspecto alarmante, nas situações retratadas, não só adoptaram uma postura de ignorar e até considerar como “coisas de crianças” como em alguns casos tiveram comportamentos (e.g. soltar risadas) que tiveram um efeito de “incentivo” ao/aos provocador/es e podem ter conduzido a um maior sentimento de impunidade.

Passando agora a considerar as limitações do estudo, podem ser apontadas algumas. Em primeiro lugar e possivelmente a que é mais notória prende-se com o número reduzido de participantes. Não o foi por falta de tentativa de contactos mas por falta de respostas em tempo útil e um número deveras considerável de respostas negativas. Seria interessante, e fica aqui uma sugestão para investigações futuras, realizar um estudo nesta temática com uma amostra superior, o que proporcionaria uma maior variedade de depoimentos e maior riqueza no que concerne à sua análise.

Uma outra limitação que poderá apontar-se deve-se com decisões ao nível da metodologia adoptada. Apesar de a metodologia qualitativa continuar, a nosso ver, a ser a melhor metodologia dada a estrutura e objectivos traçados, poder-se-á colocar a questão sobre porque não analisar os dados numa perspectiva de estudo de caso dado serem somente duas as participantes. Ora, tal ficou decidido por uma questão de toda a metodologia já estar traçada nesse sentido e porque uma mudança de raiz a esse nível implicaria toda uma panóplea de mudanças e leituras complementares, elementos esses que o tempo disponível não permitiu. Continuamos ainda assim a considerar a metodologia adoptada a mais apropriada mas é de facto uma questão que pode ser colocada.

No que diz respeito às entrevistas realizadas, apesar de via skype se ter recorrido a videochamada, poderá ter havido alguma perda na riqueza dos dados recolhidos pelo facto de não terem sido entrevistas presenciais, riqueza essa que o contacto face-a-face propicia. É possível também de ter havido algum enviesamento do entrevistador na forma de colocar as questões bem como pelo facto de ser um indivíduo do sexo masculino, identidade de género masculina e heterossexual a colocar. Foi uma questão que desde o começo ponderamos, isto é, se seria mais proveitoso ser um entrevistador ou uma entrevistadora a conduzir as mesmas e por uma questão de realização pessoal e dado que havia já todo um trabalho conduzido por mim, decidimos que seria eu mesmo a conduzir as entrevistas. A referir que nos dois casos que conduzi não senti qualquer entrave pela minha condição de entrevistador. No entanto, poderá ter tido efeito em algumas das respostas negativas que foram obtidas.

É importante referir mais uma vez que, em virtude de todos os aspectos até aqui referidos, é necessário alguma cautela com a utilização e análise dos resultados. No casos das participantes deste estudo, ambas foram alvo de *bullying* transfóbico. No

entanto, e a literatura aponta também nesse sentido, não são todas as pessoas trans alvo deste tipo de situações de discriminação e violência. Seria interessante uma investigação em escala maior e que tivesse como participantes pessoas trans alvo de *bullying* e pessoas trans que não foram alvo de *bullying* transfóbico, pois permitir-nos-ia ter uma maior variedade de realidades e comparar as vivências escolares de estudantes trans que foram alvo com as que tiveram um percurso sem esta tipologia de situações.

Referências bibliográficas:

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- António, A. (2011). *O Papel Moderador do Suporte Parental e Social no Efeito do Bullying Homofóbico nas Consequências Psicológicas para os Jovens*. Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa. Master: 53.
- António, R. et al. (2012). *Bullying Homofóbico no contexto escolar em Portugal*. Psicologia. XXVI 17-32.
- Antunes, D. & Zuin, A. (2008). *Do Bullying ao Preconceito: os Desafios da Barbárie à educação*. Psicologia & Sociedade, 20, 33-42.
- Bandeira, C. & Hutz, C. (2012). *Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os géneros*. Revista Semanal da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 16, 35-44.
- Birkett, M., Espelage, D. & Koenig, B. (2009). *LGB and Questioning Students in Schools: The Moderating Effects of Homophobic Bullying and School Climate on Negative Outcomes*. Journal of Youth Adolescence, 38, 989-1000. doi: 10.1007/s10964-008-9389-1.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). *Using Thematic analysis in Psychology*. Qualitative Research in Psychology, 3, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa.
- Clarke, V., Ellis, S., Peel, E. & Riggs, D. (2010). *Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Psychology*: Cambridge University Press.
- Costa, P. & Davies, M. (2012) *Portuguese Adolescents' Attitudes Toward Sexual Minorities: Transphobia, Homophobia, and Gender Role Beliefs*. Journal of Homosexuality, 59:10.
- Craig, W. (1998). *The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children*. Personality and Individual Differences, 24, 123-130.
- DePalma, R. & Atkinson, E. (2010). *The nature of institutional heteronormativity in primary schools and practice-based responses*. Teaching and Teacher Education, 20, 1669-1676.
- Fraser, M., Gondim, S. (2004). *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. Paidéia, 14 (28), 139-152.

- Hill, D. & Willoughby, B. (2005). *The development and Validation of the Genderism and Transphobia Scale*. Sex Roles, 53, 531-544.
- Human rights and gender identity. Office of the commissioner for human rights. Website: www.commissionaire.coe.int. Julho 2009.
- Lombardi, E. (2009). *Varieties of Transgender/Transsexual Lives and Their Relationship with Transphobia*. Journal of Homosexuality, 56, 977-992.
- Matos, M.G.; Negreiros, J.; Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Coisas de ler edições. 1ª edição, Lisboa, janeiro de 2009. ISBN: 978-972.8710-99-6. Depósito legal nº 284 252/08.
- Monk, D. (2011). *Challenging Homophobic Bullying in Schools: the politics of progress*. International Journal of Law in Context 7(2): 181-207.
- Moura, D., Cruz, A. & Quevedo, L. (2011). *Prevalence and Characteristics of school age bullying victims*. Jornal de Pediatria, 87(1), 19-23. doi: 10.2223/JPED.2042.
- Nagoshi, J. et al. (2008). *Gender Differences in Correlates of Homophobia and Transphobia*. Sex Roles, 59, 521-531.
- Nogueira, C. & Oliveira, J. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Editor: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. ISBN: 978-972-597-326-4. Depósito Legal: 318640/10.
- Paulos, Rita. (2012). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia*: Observatório de Educação LGBT. Março de 2013. Observatório de Educação LGBT. Rede ex aequo.
- Peter, T. & Taylor, C. (2013). *Queer Bullying*, 23-25.
- Poteat, V. & Espelage, D. (2005). *Exploring the Relation Between Bullying and Homophobic Verbal Content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale*. Violence and Victims, 5, 513-528.
- Poteat, V. et al. (2011). *The Effects of General and Homophobic Victimization on Adolescents' Psychosocial and Educational Concerns: The Importance of Intersecting Identities and Parent Support*. Journal of Counseling Psychology, 58(4), 597-609. doi: 10.1037/a0025095.
- Poteat, V. et al. (2012). *Changes in How Students Use and Are Called Homophobic Epithets Over Time: Patterns Predicted by Gender, Bullying and Victimization Status*. Journal of Educational Psychology 104(2): 393-406.

- Russell, S. (2003). *Sexual Minority Youth and Suicide Risk*. American Behavioral Scientist, 46(9), 1241-1257.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). *Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group*. Aggressive Behavior, 22, 1–15.
- Silverman, D. (2000). *Doing Qualitative Research: a Practical Handbook*. Londres: Sage Publications.
- Smith, P. & Sharp, S. (1994) *School Bullying: Insights and Perspectives*. London: Routledge.
- Taylor, C. & Peter, T., with McMinn, T.L., Elliott, T., Beldom, S., Ferry, A., Gross, Z., Paquin, S., & Schachter, K. (2011). *Every class in every school: The first national climate survey on homophobia, biphobia, and transphobia in Canadian schools*. Final report. Toronto, ON: Egale Canada Human Rights Trust.
- Venâncio, J. (2010). *Homofobia e consequências da (não) assumpção da homossexualidade: um estudo sobre a visão LGBT*. Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano, FPCEUP. Master: 57.
- Whittle, S.; Turner, L. & Al-Alami, M. (2007). *Engendered penalties: transgender and transsexual people's experiences of inequality and discrimination*. Manchester metropolitan university.

Anexos

Anexo I: Guião de entrevista semi-estruturada

Guião de Entrevista

- **Introdução (Apresentação do aluno, do estudo e consentimento informado)**
-

(bom dia/boa tarde), o meu nome é António Gomes e sou aluno finalista do curso de mestrado integrado em psicologia do comportamento desviante e justiça na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Antes de mais quero agradecer a sua **disponibilidade** para fazer parte do estudo. O estudo que estou a desenvolver neste momento procura explorar o fenómeno do “bullying transfóbico” tendo como **objectivos** dar uma maior visibilidade ao fenómeno de modo a que escolas, professores e restantes funcionários escolares possam estar melhor preparados para apoiar mais todos/as os/as seus alunos/as.

Gostaria de acrescentar que para este estudo a sua experiência e posições (opiniões) são o mais importante.

No que diz respeito ao estudo, **importa-se que a nossa entrevista seja gravada** para que depois possa transcrever e não perder informações importantes?

Tudo o que for dito aqui fica só entre nós; **todas as informações são confidenciais**, sendo que para efeitos de tese serão transcritas e analisadas por mim mas assegurando sempre a confidencialidade.

Pode a qualquer momento interromper a entrevista caso não queira continuar ou queira colocar alguma questão.

Tenho aqui um documento com todas estas informações e gostaria que assinasse autorizando a realização desta entrevista (*dar **consentimento informado***).

No caso de ocorrerem via skype: pedir para iniciar a gravação e colocar novamente a questão do consentimento a fim de ficar a resposta na gravação.

Quer colocar alguma questão antes de começarmos?

Podemos então começar?

- **Questões de Entrevista**

Questão 1 TEMA: Questão inicial de entrevista	a) Para si ser transexual/ transgênero foi um processo contínuo na sua vida ou houve algum momento que marcou esse processo? Pode falar-me sobre isso? Teve alguma rede de suporte?(contar histórias)
Questão 2 TEMA: Amizades / relação com pais (suporte social)	a) Gostaria de começar por lhe pedir que falássemos um pouco sobre relações de amizade. Como classifica a sua rede de amigos? b) Para além dos amigos, a família é também uma peça relevante na vida de uma pessoa. Pode-me falar um pouco sobre a sua relação com os seus pais?
Questão 3 TEMA: <i>Bullying</i> – o que é?	a) Falando agora de um tema mais sensível gostaria de lhe perguntar como define “ <i>bullying</i> ”? (introduzir aqui definições de <i>bullying</i> de modo a explicar de forma clara em que consiste, quais os critérios de modo a depois começar a falar-se sobre as experiências do/a participante e dar exemplos)
Questão 3 TEMA: <i>Bullying</i> transfóbico	a) Recordando os seus anos de escola, foi alvo/a de algum tipo de intimidação, agressão ou violência relacionado com a sua orientação sexual ou identidade de género e que seja considerado <i>bullying</i> ? b) Onde ocorreram? c) Que idade tinha quando foi vítima de <i>bullying</i> ?
Questão 4	a) Quais as reacções e sentimentos perante essa violência? Teve apoio de alguém? (professores/as e restante corpo escolar)

TEMA: Reacção de professores e/ou funcionários	
Questão 5 TEMA: Procura de suporte/ajuda	a) Em relação a amigos e/ou familiares, chegou a contar a alguém? Como reagiram?
Questão 6 TEMA: Questões sobre a identidade do/a participante para finalizar	a) Aproximamo-nos do final da nossa entrevista. Pedia-lhe agora que me falasse um pouco mais sobre si. b) (colocar as questões de “dados biológicos”) c) Perguntar se a pessoa quer escrever ela ou se prefere que o/a entrevistador/a coloque as questões oralmente.

- **Conclusão**

Bem, chegamos ao final. Quero mais uma vez agradecer a sua disponibilidade e participação neste estudo. Foi muito importante o seu contributo. Gostaria de saber se ficou com alguma dúvida? Quer acrescentar alguma informação?

Deixo consigo este contacto (e-mail) para o qual pode enviar alguma dúvida que tenha e caso queira depois ter acesso ao estudo que posso fornecer.

Dou assim a entrevista por terminada. Mais uma vez obrigado e o resto de um bom dia.

Final!

Anexo II: Ficha de dados biográficos

Dados Biográficos

Nome no qual se identifica: _____

Idade:

Área de Residência: _____ (cidade)

Escolaridade: _____

Qual o sexo atribuído no registo de nascimento? _____

Qual a sua identidade de género? _____

Orientação sexual (Sente-se atraído/a por?): _____

Qual o seu estado civil?

- Solteiro/a ____
- Casado/a ____
- Viuvo/a ____
- Divorciado/a ____
- Em união de facto ____

Situação profissional?

- Empregado/a ____
- Desempregado/a ____
- Outra: _____

Profissão: _____

Anexo III: Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ (nome do/a participante), nascido/a em ____ de _____ de _____, residente na cidade de _____ aceito participar no estudo levado a cabo por António Carlos Rego Gomes, estudante no 5º ano do curso de mestrado integrado em psicologia do comportamento desviante e justiça na Universidade do Porto, focado no tema de *Bullying Transfóbico*.

Declaro ainda ter sido informado/a de que a entrevista é confidencial e os dados recolhidos serão somente analisados pelo entrevistador.

Por fim, declaro ter aceite que a entrevista seja gravada para fins académicos.

Local: _____

Data: _____ de _____ de 2014

Assinatura do/a participante:

Assinatura do aluno/mestrando:
